

Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)



Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

Arquitetura e Urbanismo: Competência
e Sintonia com os Novos Paradigmas do
Mercado

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A772	Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : competência e sintonia com os novos paradigmas do mercado / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-485-6 DOI 10.22533/at.ed.856191807 1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins, Bianca Camargo. CDD 720
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com muita alegria que, a convite da Editora Atena, apresento a primeira edição do livro “Arquitetura e Urbanismo: Competência e Sintonia com os Novos Paradigmas do Mercado”. Esta edição, composta por 23 capítulos, apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e do urbanismo, como: arquitetura, planejamento urbano, tecnologia e preservação do patrimônio cultural.

Um dos temas amplamente discutidos aqui é a preservação da paisagem como patrimônio cultural. Desde 1992, quando a Unesco incluiu a paisagem cultural como bem passível de preservação, inúmeros estudos e pesquisas mostram a importância da discussão do tema no território nacional. Porém, a valorização e o fomento à proteção da paisagem como bem cultural ainda é um grande desafio a ser enfrentado pelas políticas públicas nacionais.

Assim, o foco do presente livro é mostrar a importância e a amplitude da discussão sobre o papel social da arquitetura e do urbanismo contemporâneo. Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, sejam elas públicas ou privadas, que socializam o acesso a estas importantes pesquisas e reflexões.

Acredito que os trabalhos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LIÇÕES DA ESCOLA DE SOCIOLOGIA DE CHICAGO PARA A PESQUISA URBANA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL	
Linda Maria de Pontes Gondim	
DOI 10.22533/at.ed.8561918071	
CAPÍTULO 2	13
PORTO DO AÇU: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS NA MÍDIA IMPRESSA REGIONAL	
Dayanne Vieira Maia	
Rosélia Perissé da Silva Piquet	
DOI 10.22533/at.ed.8561918072	
CAPÍTULO 3	26
A ATUAÇÃO DO SETOR PRIVADO NOS SISTEMAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA EM MARINGÁ-PR: CONFLITOS E REPERCUSSÃO NA ESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO	
Leonardo Cassimiro Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.8561918073	
CAPÍTULO 4	42
AGRICULTURA URBANA: UMA FORMA DE INTERVENÇÃO SUSTENTÁVEL	
Talissa Fernanda Bussacro Serafin	
Elisiana Alves Kleinschmitt	
DOI 10.22533/at.ed.8561918074	
CAPÍTULO 5	53
O MEIO FÍSICO COMO CONDICIONANTE NO PROJETO DE IMPLANTAÇÃO URBANO-PAISAGÍSTICA	
Eder Donizeti da Silva	
Adriana Dantas Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.8561918075	
CAPÍTULO 6	68
PAISAGEM CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO	
Jefferson Eduardo da Silva Morales	
Georgia Patrícia da Silva Ferko	
Graciete Guerra da Costa	
Elizabeth Melo Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.8561918076	
CAPÍTULO 7	79
METODOLOGIAS DE ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA	
Elisiana Alves Kleinschmitt	
DOI 10.22533/at.ed.8561918077	

CAPÍTULO 8	91
PAISAGEM CULTURAL E PAISAGEM SONORA HISTÓRICA: DOS SONS DO PASSADO NA IDENTIDADE DO PATRIMÔNIO	
Rodrigo de Almeida Spinelli Pinto	
Ernaní Simplício Machado	
Miriam Carla do Nascimento Dias	
DOI 10.22533/at.ed.8561918078	
CAPÍTULO 9	101
FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DA PAISAGEM CULTURAL: METODOLOGIA APLICADA EM ITAGUAÇU – ES	
Amanda Guimarães Meneses	
DOI 10.22533/at.ed.8561918079	
CAPÍTULO 10	113
BUENOS AIRES E A HABITAÇÃO OBREIRA PERONISTA: <i>BARRIO 17 DE OCTUBRE</i>	
André Luis Rodrigues Bering	
Nara Helena Naumann Machado	
Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.85619180710	
CAPÍTULO 11	125
PAISAGEM CULTURAL NO CONTEXTO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Claudio Antonio Santos Lima Carlos	
DOI 10.22533/at.ed.85619180711	
CAPÍTULO 12	137
A FERROVIA E SEUS CAMINHOS NO DESENVOLVIMENTO URBANO	
Adriana Cristina Gonçalves Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.85619180712	
CAPÍTULO 13	149
A PAISAGEM CULTURAL DO ENGENHO CENTRAL DE PIRACICABA NA DINÂMICA FABRIL DA CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO	
Marcelo Cachioni	
DOI 10.22533/at.ed.85619180713	
CAPÍTULO 14	162
INTERVENÇÕES URBANAS: OS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PAISAGEM CULTURAL RIBEIRINHA DA VILA ELESBÃO (AP)	
Luana Marques Vieira	
Guilherme Pantoja Alfaia	
Victor Guilherme C Salgado	
DOI 10.22533/at.ed.85619180714	
CAPÍTULO 15	175
A PRESENÇA ESLAVA NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM ARQUITETÔNICA DA ZONA DA MATA RONDONIENSE – BRASIL	
Janina Maria de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.85619180715	

CAPÍTULO 16	188
O BAIRRO POTI VELHO EM TERESINA-PI: PERSPECTIVAS DE PROTEÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL	
Mariana Monteiro Scabello	
Andréa Lourdes Monteiro Scabello	
Marina Brito de Oliveira Marques	
Marjorie Brito de Oliveira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.85619180716	
CAPÍTULO 17	200
RUA DO HORTO: RELIGIÃO E A FORMAÇÃO DE UMA PAISAGEM CULTURAL	
Marília Jerônimo Costa	
Sarah Brandeburski Farias	
Gabiella Donato de Oliveira Lima	
Jussara Bióca de Medeiros Timótheo	
DOI 10.22533/at.ed.85619180717	
CAPÍTULO 18	213
VIA-PARQUE DAS GRAÇAS: CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO SOCIAL	
Marcela Correia de Araujo Vasconcelos Zulim	
DOI 10.22533/at.ed.85619180718	
CAPÍTULO 19	224
DESENVOLVIMENTO DA PAISAGEM URBANA: RADIAL AVENIDA JOÃO PESSOA, PORTO ALEGRE – RS	
Cristiane dos Santos Bitencourt Schwingel	
Raquel Rodrigues Lima	
DOI 10.22533/at.ed.85619180719	
CAPÍTULO 20	236
MUITO ALÉM DO EMBELEZAMENTO	
Raquel Silva dos Santos	
Ana Elisabete de Almeida Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.85619180720	
CAPÍTULO 21	250
CARTOGRAFIA SOCIAL DA PAISAGEM CULTURAL DO MUNICÍPIO DE IRAQUARA - BA: SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO TERRITORIAL PARTICIPATIVO	
Luciana Almeida Santos	
Fábio Pedro Souza de Ferreira Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.85619180721	
CAPÍTULO 22	264
CONTRIBUIÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO NA DIVULGAÇÃO DE MONUMENTOS CULTURAIS EM COLATINA	
Wellington Gomes da Silva	
Ana Lucia Reis Melo Fernandes da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.85619180722	

CAPÍTULO 23	278
CENTRO CULTURAL FILÉ DA BARRA: ANTEPROJETO DE UM ESPAÇO CULTURAL E DE LAZER O PARA O BAIRRO DO PONTAL DA BARRA EM MACEIÓ – AL	
David Alves de Andrade Alexandre da Silva Sacramento	
DOI 10.22533/at.ed.85619180723	
CAPÍTULO 24	291
ANÁLISE ESPACIAL DE VISIBILIDADE APLICADA A GESTÃO DA PAISAGEM CULTURAL REMANESCENTE DOS CAMINHOS DE TROPAS NA REGIÃO DA COXILHA RICA, SANTA CATARINA	
Edenir Bagio Perin Adolfo Lino de Araújo Flavio Boscatto	
DOI 10.22533/at.ed.85619180724	
SOBRE A ORGANIZADORA	303
ÍNDICE REMISSIVO	304

DESENVOLVIMENTO DA PAISAGEM URBANA: RADIAL AVENIDA JOÃO PESSOA, PORTO ALEGRE – RS

Cristiane dos Santos Bitencourt Schwingel

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em
Arquitetura

Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Raquel Rodrigues Lima

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul, Arquitetura e Urbanismo

Porto Alegre, Rio Grande do Sul

RESUMO: A cidade de Porto Alegre é uma das tantas cidades do Brasil que possui seu princípio morfológico peninsular. O desenvolvimento da cidade se passa em torno desse pequeno território urbano à beira do Rio Guaíba com a consequente criação e utilização dos portos e armazéns como áreas de trocas comerciais e de transportes. No decorrer dos anos a densificação dessa área, que hoje é denominada a área central da cidade de Porto Alegre, levou a pequena cidade ao crescimento e ao desenvolvimento urbano, o que propiciou fluidez de locomoção às suas demais áreas urbanas. Arruamentos, Planos de Melhoramentos e Planos Diretores consolidaram vias importantes do território – as chamadas Radiais e Perimetrais. Uma das principais Radiais, denominada Avenida João Pessoa, é objeto de estudo deste artigo no período de modernização, época em que a

verticalização era sinônimo de morar moderno (na década de 50) e a linguagem da Arquitetura Moderna Brasileira ganhou espaço na produção arquitetônica na cidade. A Avenida João Pessoa é uma das Radiais que adere à verticalização pela construção de edifícios de apartamentos, reconhecidamente próximos a equipamentos urbanos tais como escolas, campi universitários, parques e variados serviços. Diante do processo de modernização urbana, busca-se averiguar quais equipamentos urbanos surgiram frente aos novos modos de morar, de que forma a Radial se desenvolveu frente à implantação dos Planos Diretores e quais são os usos que a caracterizam como uma Avenida diversificada e provida de usos e serviços.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem Urbana; Arquitetura Moderna em Porto Alegre; Habitação Coletiva; Modos Modernos de Morar.

URBAN LANDSCAPE DEVELOPMENT: JOÃO PESSOA AVENUE RADIAL, PORTO ALEGRE – RS

ABSTRACT: Porto Alegre is one of the many cities in Brazil that has its peninsular morphological principle. The development of the city takes place around this small urban territory on the edge of the Guaíba River with the consequent creation and use of ports and

warehouses as areas of trade and transportation. Throughout the years the densification of this area, which is now called the central area of Porto Alegre, led the small city to growth and urban development, which provided fluidity of locomotion to its other urban areas. Roads, Improvement Plans and Master Plans have consolidated important areas of the territory - the so-called Radials and Perimeters. One of the main Radials, called João Pessoa Avenue, is the object of study of this article in the period of modernization, a time in which verticalization was a synonym of modern living (in the 1950s) and the language of Modern Brazilian Architecture gained space in architectural production in the city. João Pessoa Avenue is one of the Radials that adheres to the verticalization through the construction of apartment buildings, known to be close to urban equipment such as schools, universities, parks and various services. In the face of the process of urban modernization, it is sought to find out what urban facilities have arisen as a result of the new ways of living, in what way Radial developed considering the implantation of the Master Plans and what are the uses that characterize it as a diversified Avenue, with different uses and services.

KEYWORDS: Urban Landscape, Modern Architecture in Porto Alegre; Collective Living, Modern Ways of Living.

1 | O PORTO

A cidade de Porto Alegre, a exemplo de outras cidades do Brasil, teve seu princípio em uma península às margens de um rio. As águas do Rio Guaíba são as que banham as margens do território e, à exceção de algumas cidades, a intenção de ocupar a região era provisória: pela sua navegabilidade e localização estratégica aos interesses do Império, a cidade serviu de ancoradouro para casais que seriam posteriormente transportados às regiões para dentro da colônia. As noções de estado e país como temos hoje ainda estavam distantes de ocorrer visto que as intenções de território ainda eram muito instáveis pelos tratados de propriedade de terras disputadas entre Espanha e Portugal. Dessa forma, a península serve de território de passagem aos casais açorianos enviados pela Coroa Portuguesa para efetivar a ocupação das Missões Jesuíticas (os Sete Povos das Missões), localizadas no interior da colônia, como permuta com os espanhóis pela Colônia de Sacramento, pelo Tratado de Madri.

O Tratado de Madri seria uma tentativa de pôr um fim nas disputas territoriais entre Portugal e Espanha a respeito das terras da Colônia na América do Sul. Pela deficiência de defesa nas fronteiras coloniais, o Tratado de Madri não surte efeito e é anulado. Em 1772, vinte anos depois da chegada dos açorianos, a Coroa Portuguesa decide-se pelo assentamento oficial dos açorianos no local de espera e cria “Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus”, o que marca a fundação da cidade de Porto Alegre.

A forma de ocupação do território, segundo Luz (2000, p.38) foi feita no lado norte da península, que “explica-se pela necessidade de abrigo em relação ao vento sul - o

“minuano” -, pela necessidade de defesa, pela profundidade das águas - necessária para as atividades portuárias -, e pela proximidade do vale do Jacuí onde vinha se consolidando o processo de expansão da rede de povoações de portugueses”. A partir desse momento, a colônia portuguesa se fortalece na região e outras regiões são colonizadas até as terras de Rio Pardo. Dentro dos constantes conflitos entre espanhóis e portugueses, a perda da cidade de Rio Grande para os espanhóis, força o Governo da Província (1763) a se estabelecer a beira do Guaíba. Dessa forma, cria-se a cidade de Porto Alegre como capital, efetivamente, em 1773.

Pela facilidade fluvial, o Porto da cidade de Porto Alegre torna-se um ancoradouro de comércio e transporte. A cidade se desenvolve comercialmente, residencialmente e politicamente às margens do Rio. Os espaços da cidade se consolidam e se densificam.

Posteriormente, com a independência do Brasil, o Rio Grande do Sul reconhecido como província com administração autônoma. Uma das funções dos governadores nomeados pelo poder central para dirigir o estado era compor um relato de sua administração anualmente e apresentá-lo ao Conselho Geral e ao governador sucessor. Existia uma queixa generalizada a respeito da segurança pública no estado e as fortificações são tomadas de projeto para solucionar este problema, especialmente após a tomada pela cidade pelas tropas farrapas (Revolução Farroupilha 1835-1845).

“... a planta da cidade, levantada por Luiz Pereira Dias, em 1839, a mando do Conde de Caxias, a península foi cercada por uma muralha, o que se constituiu em caso raro, de uma cidade murada no Brasil... Pelos dados acima, percebe-se que as obras de defesa foram de importância fundamental para garantia de posse do território para a Coroa Portuguesa”. (Weimer, 1992, p.34)

As muralhadas da cidade densificaram ainda mais a península, por fora dela não havia a garantia de segurança pública. Dentro da cidade murada se desenvolve uma área urbana e externa às suas paredes, uma região majoritariamente rural.

Com o término da Revolução Farroupilha em 1845, a cidade adensada pelas antigas muralhas fortalece a ligação com as localidades vizinhas, consolidadas antes da fundação de Porto Alegre – Viamão e Gravataí. A partir disso, sendo Porto Alegre a região mais desenvolvida comercialmente, estabelece-se um processo de centralização urbana, posto que os caminhos às localidades fora da península deram origem às atuais avenidas Radiais, que constituem um leque cujo vértice é configurado pelo núcleo colonial. A península está definitivamente impedida de crescer territorialmente em função dos limites que o rio impõe aos seus 3 lados (Marques, 2017, p.82).

2 | PLANOS DE MELHORAMENTOS E PLANOS DIRETORES

Anterior aos primeiros Planos para cidade, ainda ao fim do século XVII, a cidade vivia do seu traçado urbano autorizado pela Câmara de Vereadores e dos aterros na margem norte do Rio. Em 1914 foi elaborado o Plano de Melhoramentos, de autoria do Arquiteto e Engenheiro João de Moreira Maciel. Foi o primeiro projeto com intenção

de ordenar a cidade e consistia basicamente em um plano viário e de saneamento que reforçava as avenidas estabelecidas, fazendo com que o comércio e o Porto se conectassem com as demais partes do território municipal da época, hoje denominado de região metropolitana de Porto Alegre.

José Montauray, Otávio Rocha e Alberto Bins administraram a cidade com uma certa continuidade por 40 anos. A visão positivista de proporcionar melhoramentos urbanos lançaram à cidade muitos empreendimentos importantes para saneamento, canalização de rios e pontes. O pensamento de embelezamento da cidade passa a surgir quando nessa época surgem legislação e taxação para imóveis em desacordo com as novas diretrizes de cidade. Nesse contexto, Alberto Bins, prefeito de Porto Alegre entre 1928 e 1937 deu avanço às reformas urbanas contratando Alfred Agache para um plano de embelezamento da cidade. A expectativa em torno do Plano de Agache contava com a fama que os franceses faziam por serem contratados em outras cidades da América do Sul. Contudo, pela sua rápida e ingênua visão sobre a cidade, de todo o seu plano, o que houve continuidade em estudos posteriores para a cidade foi o Parque Farroupilha.

O planejamento da cidade avança à medida que no início da década de 40, as atividades de planejamento urbano ampliam-se com a presença dos engenheiros Edvaldo Pereira Paiva e Ubatuba de Faria com a obra intitulada “Contribuição ao Estudo da Urbanização de Porto Alegre”, em 1943. Pela primeira vez aparecem os “Perímetros de Irradiação” que mais tarde são consolidados pelo Arnaldo Gladosh que traça a Primeira Perimetral de Porto Alegre – avenidas que cortam as consolidadas radiais, afim de resolver vazios urbanos e estreitar a mobilidade e desobstruir o centro como articulador das avenidas Radiais.

Paralelamente à essas mudanças, os ideais modernos de verticalização começam a surgir, especialmente na área central da cidade.

“Além das aberturas das avenidas, da eliminação de becos, embelezamento dos parques e praças, a cidade queria verticalizar-se. Paris ditava as regras. Tendo como exemplo o Rio de Janeiro e São Paulo, Porto Alegre desejava também transformar sua imagem - abrir avenidas e eliminar o seu casario de um ou dois pavimentos e colocar no seu lugar o edifício alto. Em 1926, o Decreto nº 53 já impunha para as novas construções na área central da cidade um mínimo de três pavimentos”. (Fiore, 2016, p.114)

Na década de 50, surgem iniciativas do poder público municipal para a modernização da cidade e a verticalização está no seu escopo. A cidade desejava arranha-céus em sua paisagem, à modelo do Rio de Janeiro e São Paulo. Isso causa um crescimento rápido e acelerado demais na cidade, por consequência surgem problemas funcionais de todo tipo na cidade. A prefeitura de Porto Alegre toma as providências de desenvolver o Primeiro Plano Diretor da cidade, em 1959. Uma iniciativa pioneira no Brasil.

O Plano Paiva consolidou as normas urbanísticas em um conjunto que, em 1959 constituiu a primeira lei a instituir planos diretores no município. Na época, o Artigo

19 delimitava a área de Porto Alegre sendo a 3ª Perimetral o limite da área urbana da cidade:

“Art. 19 - A área do Município de Porto Alegre, limitada pelo litoral do Rio Guaíba, Av. Sertório, rua Pereira Franco e seu prolongamento, rua Dom Pedro II, Av. Carlos Gomes e seu prolongamento, rua Salvador França, Av. Aparício Borges, Av. Teresópolis, Avenida projetada ao longo do Riacho Passo Fundo, Av. projetada ao longo do Riacho Cavalhada, Av. Icarai até o litoral, junto ao novo Hipódromo, fica dividida, de acordo com as plantas respectivas do Plano, em zonas, cujo uso, índices de aproveitamento, altura máxima dos prédios, e graus de ocupação dos lotes são definidos na presente Lei.” (Lei 2046/1959, Plano Diretor)

Posterior ao Plano Paiva, a cidade de Porto Alegre acolhe um número significativo de imigrantes da área rural do Rio Grande do Sul e isso agrava os problemas sociais urbanos. Há a necessidade de revisão do Plano Diretor, de forma que atenda as relações entre o ambiente natural e construído, e a necessidade de preservação da memória construída. A terceira geração de urbanistas atende às novas demandas com a revisão do Plano Diretor, acrescentando duas palavras ao título: Desenvolvimento Urbano.

O 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) foi consolidado em 1979 cria mecanismos de controle e preservação para um desenvolvimento urbano permanente. A cada vinte anos o PDDU passa por revisões e reformulações, sendo que a partir de 1999 (2º PDDUA), este ganha o enfoque ambiental e acrescenta a participação popular nas decisões da cidade – “Cidade Constituinte” ou atualmente entitulado de “Orçamento Participativo”.

3 | A RADIAL: AVENIDA JOÃO PESSOA

Segundo Franco (1988, p. 228), a avenida João Pessoa nasce como caminho entre a península primitiva e a cidade de Viamão, que outrora fora capital da província. Nessa época, era reconhecida como “Caminho da Azenha”, pois levava até a Ponte da Azenha e através dela se chegava a “Estrada do Mato Grosso”, caminho que conduzia até Viamão, hoje atual Avenida Bento Gonçalves.

O Parque Farroupilha (ou Parque da Redenção), que delimita um dos perímetros da Radial, era um campo banhado que ficava à beira do Portão da cidade primitiva e era reconhecido como Campo da Várzea. Com a urbanização do “Caminho da Azenha” (primeiro nome da Radial) iniciam-se as primeiras medidas de controle e melhoramentos do campo, quando em 1843 elabora-se uma planta da Várzea, a fim de regularizar o alinhamento do trecho da via que coincide com o campo. Tratando-se de um banhado, a via necessitava de melhoramentos quanto a saneamento e canalização de águas. Iniciam-se obras de arruamento e melhoramentos da rua devido a sua urbanização – iluminação, pavimentação.

Foi via que estreou o primeiro meio de transporte coletivo, a “maxambomba”. Por sua falta de compatibilidade com o trânsito de outros veículos da época, foi substituída

por bondes de tração animal, o que obrigou à adoção de mais melhoramentos. Em 1887, um relatório do Vereador Amaya de Gusmão descrevia no fim do seu mandado os melhoramentos da cidade de Porto Alegre aos seus sucessores e citava que

“a (estrada) que a dá terminação do Campo da Redenção conduz a ponte da Azenha sofreu radical e dispendioso conserto. Baixa e pantanosa, pelo derramamento das águas do Arroio da Azenha ao menor crescimento destas, hoje oferece seguro e enxuto trânsito pelo grande aterro que sofreu e extensas calhas que se construíram, restando terminar o aterro de um e outro lado das proximidades da ponte” (Franco, 1988, p. 230).

O Campo da Várzea evoluiu para “Campos da Redenção” em 1884. Isso também reflete no nome antigo da Radial que passa por Rua da Redenção e depois como Avenida da Redenção. Posteriormente, em 1930, ela se chama de fato “Avenida João Pessoa” em homenagem ao companheiro de chapa de Getúlio Vargas, na Aliança Liberal, assassinado em Recife durante a Revolução de 1930. A Avenida com o traçado como o conhecemos hoje, foi efetuado por Otávio Rocha, em 1925 e completado efetivamente pelo Prefeito Loureiro da Silva na década de 40.

Loureiro da Silva foi autor do Plano de Urbanização para Porto Alegre em 1943. Nessa década o gabarito da Avenida como temos hoje foi executado na ocasião. Concomitantemente, é executada a famosa ponte da João Pessoa, cartão postal da cidade hoje por abrigar uma linha de Palmeiras em seu leito. A tomada foi decisiva para resolver o problema de acessibilidade nas pontes já existentes para travessia do Arroio Dilúvio – Ponte da Azenha e Ponte da Santana. Também se registra a criação da Praça Piratini, ponto nodal importante da Avenida João Pessoa, na qual foi construída para abrigar o monumento a Bento Gonçalves, importante líder da Revolução Farroupilha: “Para isso tornou-se necessário aterrar uma grande zona e construir uma ponte monumental sobre o arroio Dilúvio. Assim obtivemos o desafogo das ruas Azenha e Santana, por onde se fazia o acesso ao bairro Partenon. No entroncamento da Avenida João Pessoa com a rua da Azenha, construímos uma praça e aí localizamos o monumento a Bento Gonçalves” (Silva, 1943, p. 38).

Hoje a Radial é caracterizada por uma verticalização que se acentua próximo ao Centro da Cidade e que se dissolve à medida que se afasta do mesmo. Ainda abriga em seu perímetro algumas edificações neo-coloniais, sobreviventes de um plano de modernização aliada à verticalização e substituição do colonial pelo moderno. A verticalização de fato ocorre tardiamente, visto que a área foi tardiamente valorizada apenas após o Centenário Farroupilha (1935). Nessa época, o Campo da Redenção é adaptado para abrigar a maior feira internacional agrícola e industrial que houve em Porto Alegre.



■ Edifícios de Apartamentos modernos identificados pela Pesquisa

Figura 1 - Edifícios de Apartamentos Modernos identificados pela pesquisa. Fonte: Autoras.

A feira efêmera fez com que a região dos pântanos e banhados fosse aterrada, drenada e nivelada, conseqüentemente urbanizada – plano esse que estava projetado desde o Plano de Melhoramentos de Alfred Agache. Anos após as demolições de seus pavilhões, o Campo ganhou o status de Parque. Assim, nasce o Parque Farroupilha e marca a região com o princípio de modernidade.

Atualmente consolidada como eixo de um polo estudantil, a avenida articula estudantes entre os maiores campi da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo que a Radial oferece acesso ao Campus Centro, na extremidade em que se inicia a avenida, e o Campus Agronomia, o complexo de maior extensão implantado na Avenida Bento Gonçalves (antiga estrada do Mato Grosso).

Além de eixo universitário, caminho de acesso ao centro da cidade e também de entrada e saída da cidade, seus destinos sempre a tiveram como avenida de tráfego significativo. É uma das principais vias de articulação do transporte público de Porto Alegre em direção a Zona Sul e Leste da cidade, o que a faz ter em sua paisagem construções necessárias para o transporte público (faixas exclusivas de ônibus e suas paradas para os usuários) e de acessibilidade (pontes e viadutos).

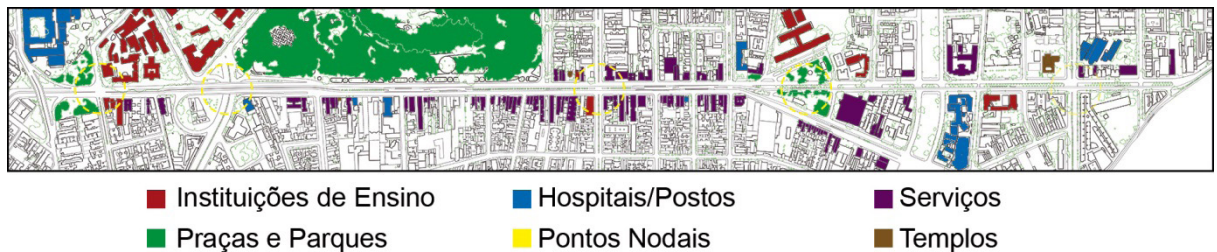


Figura 2 - Mapa de usos atuais ao longo da Radial João Pessoa. Fonte: Autoras.

Embora o perímetro da avenida arborizada com sua presença de parques e praças, o automóvel esteve sempre presente na paisagem. Com a popularização do carro, na década de 70 surgem os edifícios garagem ao longo da via e o primeiro shopping da cidade (e o terceiro do Brasil), que atualmente carrega o título da Avenida em seu nome. O equipamento é implantado em frente à Praça Piratini.

Um dos principais protagonistas do turismo e do uso do carro particular, o Touring do Brasil, possui sede na avenida João Pessoa. O Touring Club do Rio Grande do Sul foi criado em 1935 com o objetivo de atender os turistas do Centenário Farroupilha. Como cita Gastal,

“O Touring Club do RS foi criado em 1935, por Clio Fiori Druck, Jorge de Mello Feijó, Fernando de Abreu Pereira, Newton Netto, entre outros. A data marca não só a criação do Touring, mas, de fato, significa um marco importante para o até então incipiente Turismo do Rio Grande do Sul, pois iniciou um trabalho ordenado, que mobilizou a sociedade e o poder público para as possibilidades e os benefícios do Turismo.” (Gastal, 2008, p.37)

4 | PONTOS NODAIS

A Avenida João Pessoa transcorre da região Central de Porto Alegre até o início da zona leste da cidade, em direção à cidade de Viamão, região metropolitana da Capital. Atualmente é uma avenida reconhecida por servir como um centro comercial local, mesclado com o uso residencial verticalizado em diversas escalas, com algumas exceções de edificações térreas.

Em seus, aproximadamente, 3 km de extensão a avenida se conecta com transversais e algumas se destacam a ponto de identificá-las como pontos nodais. Segundo Lynch (1997, p.80), pontos nodais “são focos estratégicos nos quais o observador pode entrar; são tipicamente conexões de vias ou concentrações de alguma característica”. Ainda sob o mesmo tema, o autor defende que “a junção ou o local de interrupção do fluxo de trânsito tem uma enorme importância nas junções para o observador da cidade” o que torna a Radial João Pessoa como uma avenida com legibilidade. Além de ruas transversais, a rua dispõe de monumentos e praças, tendo como característica evidente a arborização ao longo do seu percurso – são quatro praças e um parque em toda sua extensão.

Existem atualmente oito pontos nodais, sendo em sua maioria, a relação com ruas transversais, nas mais diferentes escalas. Para objeto de análise, selecionamos dois pontos para destaque, pela sua legibilidade e relevância na paisagem da Radial: Avenida Ipiranga e Praça Piratini.

5 | PONTO NODAL: AVENIDA IPIRANGA



Figura 3 - Imagem comparativa do ponto nodal déc. 50 e 2018. Fonte: www.prati.com.br e Google Earth

A Avenida Ipiranga é um eixo viário, de escala monumental, em comparação com os gabaritos de ruas da cidade de Porto Alegre. É uma das vias integradoras entre Porto Alegre e a Região Metropolitana à leste da capital. Possui seu princípio entre a margem sul do Rio Guaíba e culmina na Avenida Bento Gonçalves, na sua extremidade mais próxima da zona leste da cidade de Porto Alegre com o limite da

região Metropolitana – a cidade de Viamão.

A Avenida Ipiranga foi construída como medida de saneamento para as constantes enchentes na região pelo Arroio Dilúvio, canalizado pela avenida. Antes da década de 50, o riacho passava por bairros Azenha, Santana e Cidade Baixa, tendo a Rua João Alfredo (bairro Cidade Baixa) como via construída à beira do rio. Na década de 50, áreas enxutas pelo desvio do leito do Arroio foram valorizadas, sendo as regiões que circundam a avenida João Pessoa uma delas.

No encontro da Avenida Ipiranga com a Radial encontra-se um dos cartões postais da cidade: o conjunto de Palmeiras da Califórnia sob o canteiro central da ponte que atravessa o Arroio Dilúvio. Em fotos década de 50 reconhece-se o edifício Hospital Ernesto Dorneles, equipamento urbano construído pela Associação dos Funcionários Públicos do RS. Segundo pesquisas das autoras em arquivo histórico, o terreno foi adquirido pela Associação em 1945, doação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Fotos datadas em 1948 já demonstram as estruturas do hospital edificadas, um dos primeiros marcos de verticalização nessa região da Avenida João Pessoa. O equipamento foi inaugurado apenas em 1962.

Em esquina oposta ao Hospital, encontra-se o Palácio da Polícia de Porto Alegre, edifício em linguagem *Art Dèco* – acessos com colunas colossais, fachada principal simétrica voltada para Avenida João Pessoa e secundária para Avenida Ipiranga, com quadro pavimentos. A implantação se inspira na linguagem dos quartéis gerais, com a massa construída no perímetro do alinhamento predial e conformação de pátios internos. A época da construção coincide com a do Hospital Ernesto Dorneles.

Como um pórtico, os dois edifícios emolduram a paisagem da Radial, coroado pelo eixo de Palmeiras que iniciam no nó da Avenida Bento Gonçalves, extremidade da radial e se encerram no nó da Praça Piratini, próximo ponto nodal de análise. As outras esquinas opostas mantêm construções de uso residencial que perduram até o momento.

6 | PONTO NODAL: PRAÇA PIRATINI



Figura 4 - Imagem comparativa do ponto nodal déc. 50 e 2018. Fonte: www.prati.com.br e

Em pesquisas no Arquivo Histórico Municipal de Porto Alegre, no rol de arquivos do Colégio Júlio de Castilhos, foi encontrada uma implantação, com título no qual apenas se compreende “dos imóveis a serem desapropriados”. O documento registra uma série de desapropriações de terrenos a serem feitas na face oeste da já implantada Praça Piratini, com um traçado mais orgânico do que o atual, com a sua tripartição em três avenidas – Av. Piratini, Av. João Pessoa e Av. Azenha. O documento também exhibe o leito original do Arroio Dilúvio, que atravessava o atual terreno do Shopping João Pessoa e da escola. Ainda que não haja data, é presumível que a implantação seja do final da década de 40.

Intuitivamente guiados pelo eixo central de Palmeiras na avenida João Pessoa, a visão serial é marcada por um grande espaço aberto arborizado em ambos os lados. A Praça Piratini foi construída a fim de abrigar o monumento de um dos personagens mais importantes do tradicionalismo gaúcho: Bento Gonçalves. Bento foi um dos líderes da Revolução Farroupilha, evento que marcou a história da cidade com o Centenário Farroupilha em 1935 e transformou o Campo da Várzea no Parque da Redenção – Parque que compõe a paisagem urbana da Av. João Pessoa. Tal estátua equestre do líder revolucionário compõe o vértice da tríade das três Avenidas que compõe e delimitam a Praça Piratini. O monumento foi trazido para Praça em 1941, anos depois da sua inauguração dentro do Parque da Redenção.

Posteriormente, em 1953, é construído o colégio Júlio de Castilhos no perímetro oeste da praça. O edifício é de um projeto vencedor de um concurso público promovido pelo governo estadual, visando à construção de novo prédio da instituição de ensino anteriormente implantada no centro da cidade – no início da Radial, em moldes clássicos. O prédio possui cunho modernista, com fachada em grelha, em blocos de quatro pavimentos. Notadamente um equipamento público que surge frente à modernidade urbana da cidade.

Atualmente a Praça Piratini está levemente modificada em seu traçado original. O espaço urbano adere à verticalização e abriga um dos prédios de apartamentos modernos que tem sido objeto de estudo deste projeto de pesquisa – Edifício Mattos Vanique, do arquiteto Nilton Beduschi, em 1956 (Weimer, 1998).

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma perspectiva de leituras que sugerem relações entre os aspectos natural e cultural, material e imaterial, a Avenida João Pessoa e alguns de seus importantes pontos nodais apresentados neste artigo são ricos exemplos de paisagens no campo da identificação de valores históricos e arquitetônicos. Servem para ampliar os olhares sobre como se apresentam as cidades contemporâneas e nos remeter a

algumas reflexões, mesmo que ainda em consolidação.

Diante do processo de modernização urbana, muitos são os fatores que podem e devem ser estudados com cautela, tais como os equipamentos urbanos que surgiram frente aos novos modos de morar, o desenvolvimento da Radial frente a implantação de Planos Diretores e mesmo os diferentes usos e serviços que se fazem presente e ativos na Avenida.

O eixo Avenida João Pessoa é um dos eixos de Porto Alegre que adere à verticalização a partir dos anos de 1950. Especialmente pela construção de edifícios de apartamentos, reconhecidamente próximos a equipamentos urbanos tais como escolas, campi universitários, parques e variados serviços, sedimenta uma paisagem urbana de forte descontinuidade volumétrica e de alturas ao longo da Radial Avenida João Pessoa. A sobreposição de diferentes tempos na Radial nos instiga com muitas e diferentes indagações sobre um saber viver na modernidade, desde meados do século XX até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Soares de. **Porto Alegre em transformação**. In: HOLMER FIORE, Renato (Org.). **Modernização e Verticalização da Área Central de Porto Alegre**. 1. ed. Porto Alegre: Marcavizual, 2016. cap. 1, p. 120. v. 1.
- CABRAL, Gilberto Flores. **Desafiando os céus: Uma brevíssima reflexão explorando a verticalização como conceito arquitetônico e urbanístico**. In: HOLMER FIORE, Renato (Org.). **Modernização e Verticalização da Área Central de Porto Alegre**. 1. ed. Porto Alegre: Marcavizual, 2016. cap. 1, p. 20-61. v. 1.
- FIORE, Renato Holmer; MACHADO, Nara Helena Naumann. **Elementos da modernização urbana e arquitetônica no Centro de Porto Alegre na 1ª metade do século XX**. In: HOLMER FIORE, Renato (Org.). **Modernização e Verticalização da Área Central de Porto Alegre**. 1. ed. Porto Alegre: Marcavizual, 2016. cap. 1, p. 99-119. v. 1.
- GASTAL, Susana; CASTRO, Marta Nogueira de. **A construção do campo do turismo: o papel do Touring Club no Rio Grande Sul**. In: CÂNDIDO, Luciane Aparecida; ZOTTIS, Alexandra Marcella (Org.). **Turismo: múltiplas abordagens**. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2008. p. 30-41. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/b40d5578-2787-431a-9473-2c8b30879f49/28268.pdf#page=30>>. Acesso em: 13 ago. 2018.
- LUZ, Maturino. **Porto Alegre, seus projetos e outras considerações**. ELARQA, Montevideo, n. 33, p. 38-49, fev. 2000.
- MARQUES, José Carlos. **Arquitetura e Memória: a formação urbana da cidade de Porto Alegre, décadas 1940 a 1970**. In: RICARDO BREGATTO, Paulo et al. (Org.). **Arquitetura & Urbanismo: postura, tendências e reflexões**. 01. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2017. p. 75-84. v. 3.
- MARQUES, Moacir Moojen. **Porto Alegre, seus projetos e outras considerações**. ELARQA, Montevideo, n. 33, p. 18-31, fev. 2000.
- LUCCAS, Luis Henrique Haas. **Residência Casado d’Azevedo, Porto Alegre, 1950: a transmissão da linhagem corbusiana pela Escola Carioca**. 9º Seminário Docomomo Brasil, Brasília, jun. 2011. Disponível em: <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/009_PB_OR-ResidenciaCasadodAzevedo-ART_luis_luccas.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2018.

PORTO ALEGRE. Lei 2046 (1959). **Plano Diretor**, 1959.

SILVA, José Loureiro da. **Um plano de Urbanização (Colaboração técnica do Urbanista Edvaldo Pereira Paiva)**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1943. p. 38.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. 2a ed. Porto Alegre: EdUFRGS, 1988.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 227 p.

XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre**. 1. ed. São Paulo: Pini, 1987.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura urbana: 47, 49, 50, 51

Ambiente: 50, 74, 77, 79, 111, 129, 134, 196, 197

Análise de Conteúdo: 13

Arquitetura: 2, 5, 38, 53, 54, 57, 65, 66, 68, 79, 91, 113, 118, 120, 125, 133, 137, 146, 168, 173, 185, 188, 200, 210, 224, 233, 234, 236, 240, 247, 261, 266, 267, 278, 301, 303

C

Cartografia Social: 250, 251, 254, 259, 260, 262

Centro cultural: 289

Cultura: 33, 77, 99, 102, 103, 127, 151, 173, 189, 197, 253, 261, 262, 266, 269

E

Espaços Públicos: 162

Etnografia: 96, 99

I

Identidade: 91, 196, 250, 251, 275

M

Mapeamento Participativo: 250, 255

Monumentos Culturais: 264

N

Natureza: 68, 74, 130, 211, 218, 300

P

Paisagem: 7, 8, 9, 65, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 88, 89, 91, 92, 94, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 113, 125, 126, 129, 131, 132, 133, 146, 149, 150, 160, 162, 165, 172, 173, 175, 185, 188, 189, 190, 191, 196, 197, 200, 203, 205, 208, 210, 211, 224, 237, 250, 251, 253, 254, 257, 258, 259, 261, 262, 291, 292, 300, 304

Paisagismo: 304

Patrimônio Cultural: 75, 102, 103, 133, 154, 210, 253, 260, 262, 269, 270, 275, 303, 304

Pesquisa urbana: 304

Planejamento: 23, 65, 79, 89, 146, 149, 160, 213, 250, 251, 262, 303, 304

Política habitacional: 113, 304

Políticas Públicas: 197, 304

Projeto arquitetônico: 304

Proteção urbana: 304

S

Sustentabilidade: 50, 304

T

Território: 79, 250, 251, 304

U

Urbanismo: 2, 5, 38, 53, 65, 68, 79, 91, 113, 120, 125, 137, 146, 159, 168, 173, 188, 200, 224, 233, 236, 261, 266, 267, 278, 281, 290, 303, 304

Urbano: 10, 24, 58, 59, 89, 139, 146, 147, 210, 213, 227, 228, 304

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-485-6

